



SUPLEMENTO PATROCINADO

**SÃO
JOÃO
DA
VILA
2025**

Açores
magazine





Entrevista Graça Melo

Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca do Campo salienta que só com a união de esforços se consegue um programa diversificado e de qualidade como o do São João da Vila que alia a tradição à inovação

“No São João da Vila a inovação e a tradição entrelaçam-se”

Qual a importância de ter um programa de festas cada vez mais diversificado e que momentos gostaria de destacar este ano?

O programa das festividades do São João da Vila é realmente bastante diversificado o que demonstra, por um lado, a quantidade de entidades locais que se envolvem nesta festa com o objetivo de darem o seu contributo, demonstrarem o resultado do excelente trabalho desenvolvido em grupos, associações e clubes; e, por outro lado, o facto de vir a comprovar-se que um programa tão diversificado só se consegue com a união de esforços de todos. Desta forma, con-

seguimos um programa que satisfaz todos os gostos, com a cultura, desporto, animação musical de certa forma para todas as faixas etárias. Todo o programa é composto por um conjunto de atividades que dão uma dinâmica muito interessante a uma Vila durante o mês de junho. Para além de ser, na verdade, um testemunho de tudo o que se faz, de tudo o que se produz nesta antiga capital. Eu realçaria a sessão solene e o desfile das Marchas de São João, que acontecem todos os anos, mas são os momentos que mais despertam a curiosidade, a ansiedade e a alegria.



Sendo um costume ancestral, como têm conseguido conjugar a inovação com a tradição?

No São João da Vila a inovação e a tradição entrelaçam-se. A tradição manifestada através das fogueiras, das bandeirinhas e festões, das varandas e fontenários enfeitados é preservada, mas também recebe novo aspeto dos trajes dos marchantes como na inovação dos pendões.

A inovação não substitui a tradição, mas complementa, não fugindo à evolução dos tempos e sem perder a sua essência.

A festa renova-se de ano para ano, mas sem nunca esquecer as suas raízes, sem nunca esquecer o legado dos nossos antepassados.



Qual foi a principal motivação para a seleção da oradora principal da sessão solene deste ano?

Este ano, quisemos dar um toque muito nosso à sessão solene, dando destaque às nossas tradições enraizadas na nossa cultura. Da atração de uma das nossas bandas filarmónicas, ao reconhecimento de pessoas que ora por mérito cultural ora pelo cumprimento de bons serviços, tudo com o intuito de dar um cunho Vilafranquense à cerimónia. É neste sentido que surge a nossa oradora, Prof.^a Maria de Deus Bicudo Barcelos, por ser uma referência nas festividades de São João que vivenciou no seu seio familiar, rituais, muitas tradições e ainda hoje honra este legado deixado pelos seus pais, na marcha dos amigos de São João, com amigos e familiares que têm desfilado de alma e coração e com inovação. De referir também que a Professora Maria de Deus é uma artesã nata que investe muito na sua formação, para além de ser uma pessoa muito acarinhada, muito reconhecida por todos os Vilafranquenses.

Quais os frutos que se colhe ao manter a comunidade unida em torno do São João?

O São João da Vila só é possível com a união, trabalho, colaboração e esforço de toda a comunidade. E é este trabalho conjunto que leva a que as nossas festividades tenham a projeção que têm e que satisfaçam as expectativas de todos. Costuma-se dizer "a união faz a força" e os Vilafranquenses, além de serem resilientes também são muito unidos.

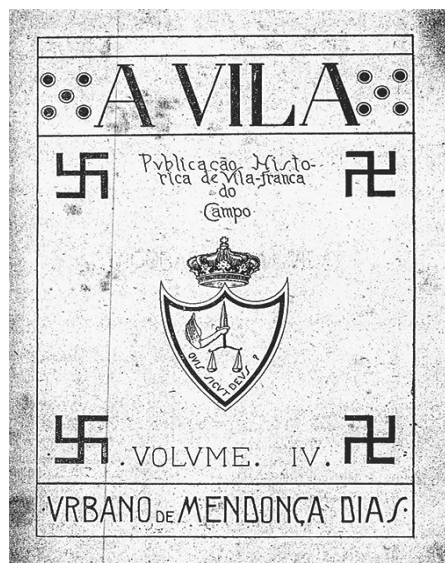
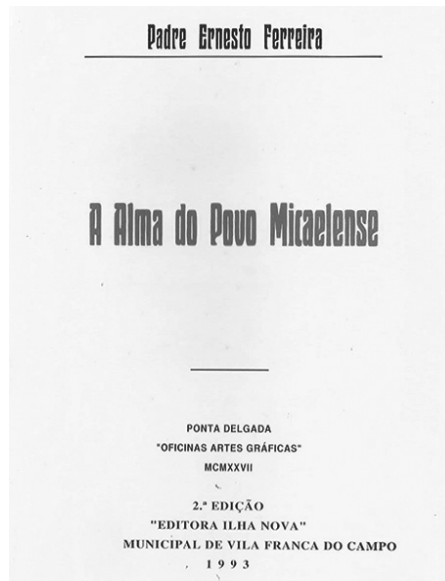
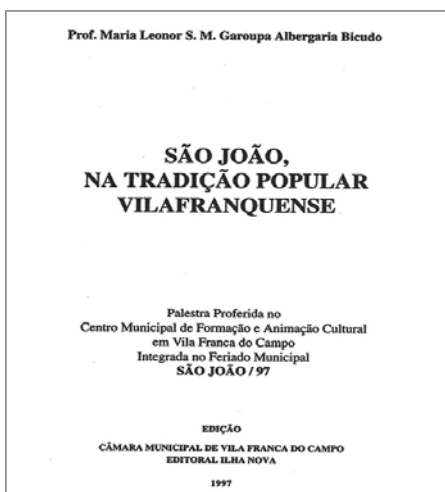
Nota maior curiosidade em relação à festa por parte de quem visita a Vila nesta altura?

O São João da Vila tem vindo, ao longo dos anos, a melhorar significativamente, e não só por ter um programa cada vez mais vasto e ambicioso, mas pela qualidade dos seus eventos. Refiro-me aos artistas que atuam nas noites de verão, nas provas desportivas como o Trail de São João e o Serrotes Cup

que trazem à Vila centenas de atletas e com elas as famílias e amigos. Mas são sem dúvida as marchas, as que mais despertam a curiosidade de quem nos visita, pois, o nível com que se apresentam, a capacidade com que se reinventa é realmente incrível. A Câmara Municipal reconhece este investimento e faz tudo por tudo para dar um apoio considerável às marchas todos os anos. Orgulho imenso de ser Vilafranquense.

Conta-me como foi...

Há muitos anos que as Marchas de São João enchem as ruas, fazendo parte do imaginário de gerações e gerações de vilafranquenses que têm vivido a festa intensamente. Olhar para os seus primórdios é lembrar uma herança rica que tem passado de mão em mão, com afeto e devoção, passando pelos mais diversos contextos sociais, económicos e até mesmo familiares. Foi a partir do final dos anos 60 que as marchas populares começaram a fazer parte da programação dos festejos do Feriado Municipal, tendo sido apenas quatro neste arranque: a marcha da Rua das Hortas, a de Santo André, a da freguesia de São Pedro e a de Ponta Garça. Nestes primeiros anos, o percurso começava no Largo Bento de Góis e ia em direção ao Campo de Jogos da Mãe de Deus, onde estava um palco preparado para as atuações, prática que só deixou de acontecer em 1999. Entre 1974 e 1979, as marchas não saíram à rua, mas essa foi a única paragem no percurso. A partir dos anos 90 passou-se a eleger a chamada "Marcha da Rua", selecionada a cada ano através de um concurso. Logo em 1991, o número de marchas já chegava às 20 e acolhia grupos de fora da Vila, nomeadamente de São Brás, Ribeira Grande, Pico da Pedra e São Pedro da Ilha de Santa Maria.



Em 1993, assinalam-se os 25 anos desde a realização do primeiro desfile das marchas, efeméride assinalada com uma lápide comemorativa em homenagem a quem contribuiu, até à data, para a sua realização. Foram, aliás, várias as homenagens feitas ao longo dos anos de várias formas. É disso exemplo a reposição da "Marcha de São João", em 1996, em homenagem aos seus autores da letra e música, respetivamente o Prof. Teotónio Machado de Andrade e o Sr. Luís de Medeiros Resendes Paiva. Em 2003, foi também homenageado Manuel Soares Ferreira, autor e compositor de mais de 100 letras para as marchas de São João, desde 1968, incluindo a Marcha da Rua original.

...Conta-me como será!

Hoje, ao desfilarem pelas ruas de Vila Franca, cada marchante não leva apenas ritmo nos pés e alegria na voz. Leva consigo a alegria, os sonhos e as sortes dos seus antepassados e mantém viva a sua alma, ao dar continuidade ao seu legado. Este ano, são 16 marchas, mais de mil marchantes, bandas dos quatro cantos da ilha e mais passos do que os que conseguiríamos contar. Em tanta matemática, o que mais conta é o espírito de união e entrega à missão de fazer desta a mais bonita, animada e colorida noite do ano. Entre escolas, associações, freguesias e grupos culturais há sobretudo o orgulho em fazer parte desta tradição secular. Aceite o convite, venha a Vila Franca do Campo e entre no espírito vibrante do São João. A responsabilidade de abrir o desfile está a cargo dos mais pequeninos, da Marcha das Escolinhas. Serão 100 os elementos a anunciar a todos que "É noite de São João". Dos que dão os primeiros passos nas marchas aos que já nela são experientes, passamos para a Marcha da Santa Casa da Misericórdia de Vila Franca do Campo, com o tema "Arcos e Balões" trazido pelos seniores. Seguimos com um animado "Arraial de São





João", trazido pela Marcha da Associação Desportiva de Vila Franca do Campo, a desfilar em terceiro lugar.

De uma folia animada para uma "Freguesia das Maravilhas", a freguesia da Ponta Garça marcha com orgulho e ritmo, com a sua terra no coração.

Em quinto lugar vem a Marcha da Casa do Povo, que dança e canta a plenos pulmões o tema "O Amigo dos Açores".

A Marcha dos Amigos de São João é quem se segue e vem dar ainda mais cor ao desfile cantando e dançando sobre as "Ruas Enfeitadas", com uma letra da oradora

principal da sessão solene deste ano, Maria Leonor Soares Medeiros Bicudo.

Vem depois a Marcha da Escola Profissional de Vila Franca do Campo contar-nos quem é "Maria Papoila" e que papel tem ela nesta festa de São João.

Com a Marcha da Ponta Garça, recuamos a um outro tempo e somos lembrados d'"Os Moleiros de Ponta Garça", o tema escolhido para este ano. Água d'Alto vem logo a seguir e foi beber à sua própria história para inspirar-se, com uma referência à Marcha de 1971 na sua letra. Vão encher a noite de calor com "As fogueiras de São João". "A Escola" é o tema para dançar e cantar de

seguida, ou não fosse trazido pela Marcha da Escola Armando Côrtes Rodrigues. É a marcha mais longa, com 133 elementos, e vem mostrar o quão animada a escola pode ser. Não vai ser preciso procurar para encontrar as agulhas que traz a Marcha da União Progressiva, que este ano faz uma homenagem às "Costureiras de São João".

Já a marcha de São Pedro canta diretamente ao grande protagonista da festa, ao trazer o tema "São João Batista".

Somos uma vez mais convidados a lembrar uma profissão extinta, com o tema "Na ribeira que nos deu nome: As Lavadeiras", trazido pela Marcha da Ribeira Seca.

E depois de tanto marchar, abre-se o apetite para "O Ananás", o doce e típico fruto rei trazido pela Marcha da Freguesia de São Miguel. Damos um pulinho à Ribeira das Taíñas, que nos convida a arregaçar as calças e entrar no tema "Ribeira e os 3 Santos Populares".

A fechar o desfile, recebe-se com carinho a Marcha de Vila do Porto, de Santa Maria, que faz o elogio às mulheres de trabalho e paciência, com o tema "Oh Linda Costureira". A ilha do Sol participou nas marchas pela primeira vez em 1991.

Consulte de seguida a lista completa das marchas e a sua ordem. O primeiro desfile será na noite de 23 de junho e o segundo na noite seguinte, ambos com um percurso entre a Rotunda dos Frades e o Largo Bento de Góis.

ORDEM DO DESFILE DAS MARCHAS DE SÃO JOÃO 2025

HINOS Dia 23 **Banda Lealdade**
Dia 24 **Banda União Progressista**

01
MARCHA DAS
ESCOLINHAS DA VILA
Banda de Água Retorta

02
MARCHA DA
S.C.M.V.F.C. - SENIORES
Banda Marcial Troféu - Povoação

03
MARCHA DA ADV
Banda Eco Edificante - Nordeste

04
MARCHA DA FREGUESIA
DE PONTA GARÇA
Banda Lira N. Sr^a. Da
Estrela - Candelária

05
MARCHA DA CASA DO POVO
Banda Imaculada
Conceição - Lomba da Fazenda

06
MARCHA DOS AMIGOS
DE SÃO JOÃO
Banda Estrela do Oriente - Algarvia

07
MARCHA DA ESCOLA
PROFISSIONAL DE VFC
Banda Aliança dos
Prazeres - Pico da Pedra

08
MARCHA DE PONTA GARÇA
Banda Lira do Norte - Rabo de Peixe

09
MARCHA DA FREGUESIA
DE ÁGUA D'ALTO
Socied. Music. Harm. Furnense - Furnas

10
MARCHA DA ESCOLA
ARMANDO CÔRTEZ RODRIGUES
Banda Nossa Senhora das Neves - Relva

11
MARCHA DA UNIÃO
PROGRESSISTA
Banda União Progressista

12
MARCHA DE SÃO PEDRO
Banda Lira N. S. da Oliveira - Fajã
de Cima

13
MARCHA DA RIBEIRA SECA
Banda Lira do Rosário - Lagoa

14
MARCHA DA FREGUESIA
DE SÃO MIGUEL
Banda da Lealdade

15
MARCHA DA RIBEIRA
DAS TAINHAS
Banda Nossa Sr^a. Dos
Remédios - Remédios da Bretanha

16
MARCHA DA VILA DO PORTO
DE SANTA MARIA
Banda Fraternidade Rural

Brilhos, Danças, Ação!

O frenesim dos bastidores antes da grande estreia no São João



Quando os vemos a marchar pelas ruas da vila, já a letra é tão sabida, a melodia tão afinada e a dança tão acertada que, por vezes, nos esquecemos de todos os passos que tiveram de dar antes da grande noite. Há quem diga que o melhor da festa é esperar por ela, e é precisamente essa a expressão que ocorre ao observar o empenho com que cada detalhe é preparado, com uma alegria que fica bem à vista de todos os que moram, visitam e fazem parte das grandes festas da Vila.

Elizabete Furtado, uma das organizadoras da Marcha da Freguesia de Ponta Garça, garante que cada um faz o seu melhor para dar o seu contributo. "Na organização estão de 15 a 16 pessoas. Uns são relações públicas, outros tratam da indumentária, outros dos pendões. Todos juntos fazemos o que aqui está à vista.", explica, apontando para o trabalho desenvolvido com um brilho entusiasmado nos olhos. Entre tecidos, esboços, tintas e fitas, o resultado final está ainda no segredo dos deuses, ou melhor, do Santo que, por certo, admira todo o trabalho que fazem em torno da devoção que lhe têm. Como qualquer obra, tudo começa na imaginação. Elizabete lembra as primeiras reuniões, logo no início do ano, para escolher o tema, a base de tudo o que desenvolvem nos seis meses seguintes. "Daí nasce um texto que é enviado a quem faz a letra e a música, e é aí que está praticamen-

te toda a história que depois se reflete nas roupas, pendões e acessórios.", descreve. Depois de já ter alma, a história começa assim a ganhar corpo na expressão de cada um dos seus intervenientes. João Furtado abraçou a missão de contá-la através das roupas que os marchantes levarão no corpo e que são mais do que um espetáculo visual. "Tem de haver uma ligação entre as roupas dos homens, das mulheres, os pendões, as cores. E depois há temas que temos de "assanjoanar", como é o caso do nosso deste ano. Damos-lhe a vivacidade das marchas populares.", conta. Tudo isto culmina numa autêntica aula que dá uma nova roupagem à história que é contada em cada pormenor. "Por exemplo, as rodas das saias foram pensadas de acordo com a pedra que moía o milho ou o trigo. É um trabalho que vai crescendo e vão sempre surgindo ideias. Nunca é tão linear como pode parecer ser.", explica João. Das linhas da costura para as linhas da dança, Vítor Santos, coreógrafo da Marcha da Casa do Povo, é também um contador de histórias, dedicado a apresentar a versão mais profissional possível do que idealizou. Para isso, garante, há que haver muito treino e dedicação. "A maior dificuldade, enquanto ensaiador, é fazer com que os outros percebam o que vai na minha cabeça, porque uma coisa é o desenho que transfiro para um papel e outra é o que cada um inter-

preta. Por isso é sempre um desafio.", afirma. Uma missão que abraça há já 15 anos, embora confesse que as marchas já o acompanham desde o berço. "A minha mãe também ensaiava marchas, por isso já nasci neste ambiente. Comecei a ajudar quando me apercebi que muita gente foi seguindo com as suas vidas, algumas mudaram-se e isso gerou alguma falta de ensaiadores.", explica.

Depois de muitos ensaios, todo o trabalho culmina na apresentação pelas ruas da Vila, confessando antecipar essa noite tanto quanto se antecipa o Natal. "É uma altura muito especial.", sublinha. "É uma forma de transpor barreiras: das pessoas se maquilharem, pintarem, vestirem de cores garridas e de se divertirem com amigos e não só! Pessoas que não conhecem passam a ser conhecidos das Marchas e fora delas. São noites muito especiais em Vila Franca.", garante.

Quando a grande noite chegar, já tudo estará a postos para, uma vez mais, viver em pleno a tão aguardada festa e que a história da terra ganha vida e é contada através das mais variadas expressões. Este ano, quando os vir a marchar, lembre-se de todos as horas, dias, semanas e meses dedicados a trazer-lhe a melhor versão destes temas, cantados e dançados ao ritmo da emoção que faz parte de uma marcha, seja com que tarefa for.

Curiosidades

Qual a origem das marchas?

Se a origem das próprias festas é incerta, a das marchas tem um véu de mistério ainda maior. O Prior António Jacinto de Medeiros acreditava que podem estar relacionadas com um hábito da Idade Média. Nessa altura, nos dias dos Santos de cada lugar, era comum os seus habitantes irem em romaria até às ermidas. Dada a reputação do santo em ajudar nas causas casamenteiras, o Prior imaginava que muitos jovens se juntassem e fossem cantando e dançando em honra de São João pelo caminho.

Há quanto tempo celebramos?

As festas do São João têm seguramente mais de quinhentos anos, uma vez que eram já mencionadas por Gaspar Frutuoso em Saudades da Terra. Nela descreve um episódio em que uma dama do Paço decide lançar as sortes de São João para descobrir com quem iria casar. Reza a história que o seu pedido foi atendido e que casou realmente com quem lhe tinha sido anunciado.

“Quem vai na marcha uma vez, ganha uma sensibilidade que faz com que nunca mais queira desistir”

Maria de Deus Bicudo é a oradora principal da sessão solene que marcou o início das festas de São João da Vila

Encontramo-nos no jardim, num florido e sereno cenário, rodeadas de crianças que brincam ruidosamente, alheias a tudo o resto. Maria de Deus brinda o dia com um sorriso que faz transparecer a sua adoração pelas festas do São João e o apego emocional com que as vive a cada ano. Quando lhe pergunto como tudo começou, a memória remete-a para um tempo em que era tão pequenina quantos as crianças que brincam ao nosso lado. Era ainda uma menina de bibe, conforme descreve, bordado a matiz pela própria mãe. Era a ela que ia levar o bocadinho de fumo da fogueira de São João que colhia no regaço. Esperava que o fogo acalmasse antes de chegar perto porque, confessa, tudo lhe parecia temeroso. “Ficava muito receosa porque parecia-me um monte de lume, um vulcão! Ficava tão admirada, como é que aqueles rapazes e raparigas saltavam as chamas e não se queimavam. Só os mais afoitos é que iam.”, relata. Um dos rituais da sua infância que recorda com mais carinho é o enfeitar do fontenário do quintal dos avós, em conjunto com as tias, com “rosinhas de São João” e “rocas de velho”, rosas em cacho e conteiras, respetivamente. As frutas

também entravam no arranjo, um pedido para que as colheitas fossem abundantes, e acima, não podia faltar, um quadro de São João. “A minha avó contou-me que aquele quadro tinha sido da minha bisavó, sua sogra, a mãe do meu avô João que fazia anos no dia 24 de junho. Ela comprou-o como forma de bênção para o meu avô. Mais tarde, a minha avó ofereceu-me o quadro para que abençoasse o meu filho, também chamado João e, hoje em dia, está na minha casa.”, conta Maria de Deus. Confessa que foi uma das jovens que lançam as sortes para descobrir o seu futuro, particularmente no que diz respeito ao seu futuro amoroso. Escondia-o inicialmente dos pais, pelo embaraço em mencionar as suas paixões, mas garante que valeu a pena porque deu certo. “A minha sorte nas claras era sempre uma Igreja. Então punha-me a imaginar, com aquela magia toda, eu a entrar na Igreja da Ribeira das Taíñas, que foi onde eu nasci, vestida de noiva, a desfilar até ao altar até ao meu futuro marido.”, recorda, divertida.

Acrescenta ainda que praticava com frequência a das favas, de forma a descobrir se o futuro lhe traria ou não riqueza. Essa, diz Maria de Deus, era o que a deixava mais desanimada, já que lhe saía sempre a meia fava, a da pessoa remediada. Hoje interpreta a sua sorte com outra sabedoria. “Agora em adulta, vejo que a minha grande sorte não está no dinheiro. Está na família, nos meus filhos, na minha neta, nos meus irmãos e pais que tive. Aí é que está a minha grande sorte.”, anuncia com emoção. Esteve a preparar com afincos a sua intervenção na sessão solene, convite que recebeu com surpresa e que vê como uma honra. Trará ao seu discurso algumas destas memórias, entre elas o ritual de preparar infusões com ervas aromáticas que cultivava no quintal e que oferece aos amigos e família, tal como se fazia antigamente. Descreve que “o fumo que se desprende das ervas aromáticas, que sai do bule, é para mim quase uma chamada dos nossos antepassados. Sinto que isso já está a passar para o futuro através dos meus filhos.”

Este ano, terá consigo a sobrinha neta de 6 anos na Marcha dos Amigos de São João, onde desfilará há quatro anos. Espera um dia poder ver também a sua neta, de ainda apenas dois anos, a juntar-se também a ela, algo que, afirma, a encherá de orgulho. Mostra-se confiante no futuro. “Quem vai na marcha uma vez, ganha uma sensibilidade que faz com que nunca mais queira desistir”, assegura, não sendo preciso lançar as sortes para mostrar a certeza de que a tradição tem tudo para perdurar.



São João também é casamenteiro?

sentimental. Para isso basta que elas saibam lançar as sortes, e métodos não lhes faltam. Seja qual for o que escolherem, importante é que saibam interpretar o resultado e saber depois o que fazer com ele, mesmo que não seja o que mais esperavam.

A fama pertence a Santo António, mas São João colhe algum do proveito ao sussurrar ao ouvido das jovens solteiras o que o futuro lhes reserva no campo



Sonhos de uma Noite de São João

A noite é conhecida por guardar os segredos de muitos num elegante manto negro, longe dos olhares despertados e ouvidos atentos do dia. Diz o povo há muitos séculos que a noite de São João é diferente porque nela tudo se revela. Assim o confirma o Padre Ernesto Ferreira, que dizia que "Nas noites de São João há o que quer que seja de misterioso nas praias, nas fontes, nas ribeiras, nas plantas, em tudo!". Seja crença divina ou passo de magia, há sortes lançadas e tradições que resistiram ao tempo e passam de geração em geração como forma de desvendar o que tem reservado o futuro. Favas, milho, claras de ovo e água são todos para aqui chamados e não para qualquer receita que se faça ao lume. O fogo destas tradições tem outros fins e recolhe o mesmo encanto e fascinação que qualquer fogueira de São João que se preze. Começamos pelas favas, porventura as mais versáteis por lhes serem dados dois usos distintos. Numa primeira instância, são torradas com milho na véspera do São João e deixadas ao ar para serem abençoadas e, como diz o povo, receberem o sereno. Mas atenção que têm de ser recolhidas antes do amanhecer para que a benção não se perca. Já para quem as quer usar para descobrir se o futuro lhe trará fortuna ou



pobreza, seleciona três grãos para pôr debaixo do colchão: um descascado, outro inteiro e outro partido. Na manhã seguinte, quando deitar a mão ao colchão, o primeiro que apanhar irá dar-lhe a resposta. Consegue, com certeza, adivinhar o que significa o grão descascado e o grão inteiro, sendo que todos anseiam por este

segundo. Mas o que dizer do partido? Esse é o meio termo, o dos chamados "remediados". Para quem quer saber mais do que de riquezas, a clara de ovo poderá dar essa clareza. Posta num copo com água e deixada a descansar no sereno da noite, assume formas que só deverão ser interpretadas de manhã. Pode ser um trabalho de imaginação, tentar desvendá-las, e um outro ainda maior saber ao certo o que querem dizer, mas os vilafranquenses juram que nelas está a verdade bem à vista daquilo que está guardado a cada um. Se claras não há à mão e favas também não forem opção, há forma de entrar nestes rituais com um dos mais básicos elementos: a água. Diz-se que, se deixada a descansar na

noite da véspera de São João e for recolhida antes do nascer do sol, adquire virtudes tais que fazem com que o pão levedado com ela nunca se perca.

Não podíamos terminar sem falar das sortes, essas que respondem até às mais íntimas perguntas. São escritas em pequenos pedaços de papel bem dobrados e lançados num prato com água para repousarem durante a mágica noite. De manhã, ao acordar, saberá que a resposta é "sim" para todos os pedaços que encontrar desembrulhados e virados para cima. Haveria ainda muito mais para ensinar, mas por hoje ficamos-nos por aqui. Se quiser mesmo aprender e aplicar os costumes, o nosso conse-

lho é que peça com jeitinho a um vilafranquense que lhe explique tudo em detalhe e ouça com a maior atenção. Mesmo que, no final de contas, o futuro continue incerto, saberá que passou a fazer parte dos muitos que mantêm a tradição viva e, quiçá sinta, por momentos, o poder inabalável de ter algo bom em que acreditar.

Curiosidades

O trevo de três folhas dá sorte?

Muitos são os que cerram os olhos perante um monte de trevos, em busca daquele que tem as quatro folhas perfeitinhas para colher e guardar. Mas como em noite de São João há uma magia que dobra as regras, até os de três folhas são fonte de sorte para quem os apanhar. Assim o garante o etnógrafo Luís da Silva Ribeiro, que o explica com o facto de outrora qualquer tipo de trevo ser raro de encontrar em São Miguel.